

Discurso de posse do Dr. José Hugo de Lins Pessoa na Academia de Medicina de São Paulo

Ilmo. Acadêmico José Roberto de Souza Baratella, presidente da Academia de Medicina de São Paulo,

Ilmo. Acadêmico Florisval Meinão, presidente da Associação Paulista de Medicina.

Ilmo. Acadêmico Clóvis Francisco Constatino, representando o CREMESP e a Sociedade Brasileira de Pediatria.

Ilmo. Acadêmico Mário Santoro Júnior, representando a Academia Brasileira de Pediatria.

Ilmo. Dr. Cláudio Barsanti, Presidente da sociedade de Pediatria de São Paulo.

Ilmo. Dr. Eder Gatti Fernandes, presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo.

Ilmo. Prof. Dr. Saulo Duarte Passos, professor Titular de Pediatria da Faculdade de Medicina de Jundiaí

Ilmos. Acadêmicos aqui presentes

Caros colegas, amigos e familiares

Minhas senhoras e meus senhoras

Antes de tudo, quero agradecer a generosidade com a qual os ilustres membros da Academia de Medicina de São Paulo aceitaram em votação livre e soberana o meu nome para ocupar a cadeira nº 61. Vou procurar corresponder à confiança, obedecer ao Estatuto e ao Regimento da Academia de Medicina de São Paulo. Agradeço aos ilustres acadêmicos e caros amigos José Roberto Baratella, Conceição de Mattos Segre e Rogério Toledo Júnior que foram as primeiras vozes a patrocinar meu nome para ocupar essa cadeira. Agradeço o privilégio de ser saudado nesta solenidade pela ilustre acadêmica Conceição Segre, eminente professora e pediatra, que muito admiro e respeito.

Agradeço aos ilustres Acadêmicos Cleide Trindade e Rogério Toledo Jr que me conduziram até esta sala, ao acadêmico Mário Santoro Jr que me entregou a medalha e ao acadêmico Jaime Muraosvki que me entregou o diploma.

Entrar na centenária Academia de Medicina de São Paulo é uma grande honra e um grande privilégio, conviver e aprender com ilustres confrades e confreiras. Mas, também é assumir uma grande responsabilidade. Sempre

admirei a Academia de Medicina de São Paulo como uma instituição de grande importância na Medicina de São Paulo e do Brasil. Ela é uma daquelas instituições que deve ser, ao mesmo tempo, contemporânea do passado, do presente e do futuro. Como Academia cultiva a memória e os feitos dos seus patronos, mantém acesa a história e a tradição da Medicina, como uma chama que guiará os caminhos futuros, vive as questões médicas atuais e contribui para um porvir da boa medicina. A Academia de Medicina de São Paulo é duradora e permanente. Hoje, quando sou nela empossado, sinto-me agradecido e percebo que a vida sempre me deu muito mais do que eu mereço.

Assumo a cadeira 61 cujo patrono é o digníssimo Professor Dr. Álvaro Guimarães Filho. Nascido em 1901 e falecido, aos 80 anos, em 1981, o professor Álvaro Guimarães Filho foi uma das mais significativas personalidades médicas do século passado em São Paulo. Ele nos deixou um exemplo de saber, de determinação e de trabalho. Médico formado em 1925 pela Faculdade de Medicina de São Paulo, o professor Álvaro Guimarães Filho assumiu em 1933 a cátedra de Obstetrícia da recém fundada Escola Paulista de Medicina. Em 1935 foi laureado pela Academia Nacional de Medicina, pelo seu trabalho,

com Lemos Torres e Jairo Ramos, “Coração na Gravidez”, abordando a gestante cardiopata. Em 1937 o Prof. Álvaro fundou a chamada, na época, escola de enfermeiras do Hospital São Paulo hoje Faculdade de Enfermagem. Em 1942 foi eleito diretor da EPM e durante 14 anos teve o encargo de consolidar a instituição e a conclusão do Hospital São Paulo. Nesse trabalho, utilizou “o entusiasmo de sua juventude, o equilíbrio de sua maturidade, e a energia da sua personalidade” como assinala o excelente biógrafo, Acadêmico Hélio Begliomini. A semiologia obstétrica, a fisiologia da parturição, a orientação nutricional da gestante, a higiene pré-natal foram áreas cultuadas pelo professor Álvaro, que se preocupava com a mortalidade perinatal. A importância do professor Álvaro Guimarães Filho que foi um dos fundadores da Maternidade Amparo Maternal, fica gravada na homenagem de que ele é hoje nome de rua da cidade de São Paulo.

Registro que também é uma honra e uma grande responsabilidade suceder, ao ilustre acadêmico Antonio Rubino de Azevedo. Em 08 de agosto de 1986 o professor Antonio Rubino de Azevedo assumiu a cadeira 61, tornando-se o seu primeiro ocupante e membro emérito. O Acadêmico Antônio Rubino de Azevedo nasceu em 03/06/1930 e faleceu em 11 de fevereiro de 2015, aos 85

anos. Formou-se em 1954 na Escola Paulista de Medicina. Exerceu a obstetrícia e a carreira docente, tendo sido Doutor e Livre-Docente na Escola Paulista de Medicina. Considerado admirável figura humana, com o vigor da sua personalidade e o poder da sua inteligência era muito querido pelos seus alunos. Foi paraninfo de várias turmas de médicos da EPM. Escreveu e publicou vários trabalhos, exerceu a obstetrícia na sua clínica privada e na Prefeitura Municipal de São Paulo onde entrou por concurso público. Foi diretor geral dos Prontos Socorros da Prefeitura de São Paulo. A Biblioteca Central da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo chama-se atualmente Biblioteca Professor Antonio Rubino de Azevedo, homenageando o seu importante trabalho.

Minhas senhoras, meus senhores,

No Eclesiastes está escrito que na vida existe um tempo para cada evento. Estou chegando à Academia de Medicina de São Paulo após uma caminhada de 48 anos de exercício diário da profissão de médico pediatra. Aprendi que a saúde da criança, o seu pleno crescimento e desenvolvimento, é vital para a humanidade. Ao contemplar o sofrimento de uma criança, ninguém deve permanecer imóvel. Nesses 48 anos, vi a Pediatria incorporar a

fantástica evolução científica e tecnológica da segunda metade do século XX e contribuir de modo significativo para a diminuição da morbidade e da mortalidade da população infantil, favorecendo a maior longevidade da população adulta. Mas apesar dos grandes progressos científicos e tecnológicos, a prática pediátrica conserva todo o humanismo da história da medicina. Também devo dizer que a nossa geração conheceu o tempo de ouro da profissão médica e viu chegar o tempo da interferência de terceiros na relação médico-paciente, pilar fundamental da medicina. Uma das consequências desse processo foi a quebra do contrato existente entre a sociedade, a medicina e os médicos, resultando na geração de múltiplas tensões. E como diz Guillermo Del Bosco, da Universidade de Buenos Aires, “transformando a arte e a ciência aplicada ao homem enfermo em uma política industrial, de linha de montagem”. O sistema de saúde brasileiro, vítima de todos os pecados de gestão do país, ultimamente procura apenas fechar a escala, acha que é suficiente colocar um jaleco branco de plantão, sem preocupação com as condições do atendimento da população ou com a qualidade científica desse atendimento. Isso resultou no equívoco da criação de inúmeras escolas médicas precárias. Além de não formarem bons médicos para a sociedade, a presença dessas faculdades ameaça afundar sob as mesmas águas

todo o padrão atual do exercício médico no País. Vivemos tempos de grandes desafios para a medicina. São décadas de invasão da burocracia estatal e da ganância econômica das empresas no tecido da profissão médica. Nós médicos temos o diagnóstico dessa situação mas, tal qual no período antes da penicilina, ainda não desvendamos o código do tratamento. Vale a pena lembrar, que são as dores do ser humano que exigem a existência de uma boa Medicina.

Além de pediatra, me dediquei a carreira docente. Fui preceptor de residentes em Pediatria, durante 12 anos, no Hospital dos Servidores Público de São Paulo. Levado pelo professor Dr. José Lauro de Araújo Ramos e pelo professor Dr. João Gilberto Maksoud, em 1973, fui ser professor na Faculdade de Medicina de Jundiaí, faculdade municipal. Me preparei para a vida universitária, realizei o mestrado e o doutorado, defendi duas teses. Trabalhei no Departamento de Pediatria da FMJ durante 40 anos. Hoje sou professor titular emérito. Na FMJ realizei a minha vocação de professor, ensinar e orientar os jovens, participar diretamente da sua formação, contribuir para que fossem médicos e realizassem seus objetivos. A recompensa do professor continua sendo, através dos tempos, ver seus ex-alunos exercendo com sucesso a sua profissão. Como professor vivi o ritual cotidiano do ensino e

da aprendizagem. Desse modo, posso me apresentar como médico, professor e aprendiz.

Minhas senhoras e meus senhores

São os tempos vividos que moldam o percurso da nossa vida. O mundo não começa com cada geração mas, cada geração, cada pessoa, constrói o seu caminho. Não vou falar o meu currículo, já publicado. Como dizia aquele personagem de Machado de Assis, vou tentar juntar as duas pontas da minha vida. Nasci na histórica e bela cidade de Recife, às margens do Oceano Atlântico, na praia do Pina. Dos meus pais, Hermes e Carmelita, que hoje estariam felizes, recebi muitas influências e todas as lições de vida. Fui estudar para ser médico influenciado pelo meu pai, que não era médico, mas admirava essa profissão. Foi uma decisão acertada, hoje eu sei o que é ser médico e faria tudo de novo. Moro em São Paulo há a praticamente meio século. Para quem escolheu trabalhar, não existem manhãs como as de São Paulo. Aqui nasceram meus filhos, um deles também médico, e meus netos. Há várias décadas, participo da vida associativa na Sociedade Brasileira de Pediatria e na Sociedade de Pediatria de São Paulo, onde fui presidente no triênio 2007-2009. Me considero um homem feliz porque amo minha família, meu trabalho e meus amigos.

Por fim, quero registrar a importância e a felicidade de ter encontrado, há 48 anos, a minha esposa Marisa. Juntos, com muito amor, construímos uma família que sempre esteve unida, nas alegrias e nas tristezas. Eles estão todos aqui nesse momento, Marisa, Roberto, Monica, Eduardo, Regina, Cecilia, Maria Eduarda e Bernardo. E é em nome deles que agradeço muito a presença de todos vocês. Muito obrigado.

